INTRODUÇÃO

CARLA SOFIA FERREIRA QUEIRÓS*
MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO**
SÍLVIA FERREIRA***

Quando se pensa na mesa, a tendência imediata é associá-la à necessidade biológica de comer, aos alimentos e ao ato de partilhar uma refeição. No entanto, numa perspetiva histórico-sociológica, a mesa vai muito além da sua função utilitária como simples móvel de suporte. Trata-se de um objeto simultaneamente material e conceptual, com um papel ativo na criação de laços sociais e na organização das comunidades. A mesa reflete a visão do mundo de cada época, funcionando como um microssistema onde se cruzam a cultura material, as regras sociais e a sensibilidade humana.

Antes de se tornar o palco de rituais complexos, a mesa impõe-se pelo seu valor prático. Enquanto peça de mobiliário assume formatos e funções variadas — desde a mesa de jantar doméstica à versatilidade da mesa militar em campanha, ou ao espaço de lazer da mesa de jogo. Estas tipologias espelham as necessidades quotidianas e as divisões de classe de uma sociedade. No reverso das grandes celebrações, afirma-se a mesa do dia a dia: um espaço de diálogo diário onde as rotinas e os hábitos alimentares se cruzam, fixando as estruturas básicas da identidade e dos laços familiares.

A vivência da mesa na Época Moderna (séculos XVII-XVIII) — período de amadurecimento do Barroco e de transição para o Iluminismo — centrava-se na multiplicidade dos seus significados e nos ambientes criados à sua volta. Como objeto presente nos mais diversos contextos, da opulência dos palácios à sobriedade da casa do cidadão comum, a mesa funcionava invariavelmente como o centro de gravidade da experiência social, reunindo pessoas e diversas atividades.

Contudo, foi na cultura barroca que a mesa atingiu o seu expoente máximo. A mesa palaciana do século XVIII tornou-se o reflexo perfeito das dinâmicas de poder. Longe de ser um espaço neutro apenas de nutrição, o banquete barroco funcionava como um instrumento político para afirmar a importância e o prestígio do anfitrião. A distribuição rigorosa dos convidados e os rituais associados traduziam a hierarquia social e as redes de influência da corte.

Esta demonstração de autoridade dependia profundamente do ato de «vestir a mesa», uma prática que no período barroco ganhou o estatuto de obra de arte.

* FEUTP/CITCEM–UP (UID/04059/2025; DOI: https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025).
Email: carlaqueiros@ese.ipp.pt. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8885-9394.
** IHA–NOVA FCSH/IN2PAST. Email: mjpcoutinhoiha@fcsh.unl.pt. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9323-3345.
*** CHAM–FCSH NOVA. Email: sferreira@fcsh.unl.pt. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7064-9508.

A composição visual e funcional do espaço assentava, entre outros aspetos, no requinte dos serviços de porcelana, dos cristais e dos talheres. Paralelamente, o surgimento dos manuais de etiqueta fixou as normas que passaram a disciplinar o corpo e o comportamento em público. Ao regular os gestos e a conversação, a etiqueta barroca operava como um mecanismo de exclusão e distinção social, espelhando o processo de civilização e a evolução das mentalidades na Europa moderna.

Por excelência, a mesa é o lugar da socialização, onde se realiza um dos atos mais elementares à sobrevivência. Reúne, por isso, duas dimensões fundamentais: a alimentação do corpo e a definição do lugar de cada indivíduo na sociedade. Sob esta perspetiva, a ligação entre a mesa e a alimentação estende-se ao espaço arquitetónico, relacionando-se, diretamente, com as cozinhas e as áreas de preparação. As evoluções técnicas e de higiene destes espaços sustentaram, ao longo do tempo, a sofisticação dos pratos que eram servidos.

À mesa, a proximidade física e o confronto direto com o olhar do outro tanto podem reforçar os laços de solidariedade como gerar divisões. É o espaço onde se assinam alianças diplomáticas, se criam afetos ou explodem conflitos latentes. Esta complexidade enriquece-se quando analisamos as práticas interculturais ligadas à gastronomia. O banquete moderno foi também um espaço de partilha e hibridismo, onde as influências decorrentes da expansão marítima e a circulação de novos produtos reconfiguraram os paladares e os costumes ocidentais.

Quando a festa suspende a rotina, emerge a totalidade da relação entre a mesa e a celebração. Sob a estética barroca, o móvel transforma-se no centro de celebrações teatrais e multissensoriais, onde a comida dialoga abertamente com os trajes da corte, a dança, a música e o teatro. Destaca-se aqui a importância da arte efémera — como as esculturas em açúcar ou gelo e os espetáculos pirotécnicos —, que transformavam o banquete num acontecimento artístico total, mas passageiro, apenas fixado na memória de cada conviva.

Esta dimensão quase sagrada encontra eco na mesa ocidental de matriz cristã. Os textos evangélicos fizeram da mesa o espaço por excelência para o milagre, o ensinamento e a inclusão. Esta carga teológica foi amplamente integrada pelas artes visuais, em géneros que vão da pintura histórica à natureza-morta, passando pela escultura, azulejaria e artes decorativas. A representação de episódios bíblicos em que Jesus se senta à mesa — como nas Bodas de Caná, na Ceia em Emaús ou na Última Ceia — sedimentou o imaginário da mesa como o lugar da verdade e da comunhão, onde o alimento ganha um sentido espiritual. Na literatura, a mesa surge frequentemente como um recurso central para dissecar as tensões psicológicas e as realidades de classe de uma época.

Na contemporaneidade, a herança destes excessos e encenações é bem recuperada pelo cinema, sobretudo em obras ligadas a uma estética neobarroca — como

o filme *O Cozinheiro, o Ladrão, a Sua Mulher e o Amante Dela*, de Peter Greenaway —, que recorrem ao exagero do banquete para explorar a saturação visual e a decadência institucional.

Desta forma, o conceito projeta-se na atualidade sob a categoria de «mesa neobarroca». Este conceito demonstra como os princípios estéticos, teatrais e hiperbólicos do Barroco permanecem ativos nas representações contemporâneas da gastronomia. Estão patentes no *food styling*, no espetáculo do *fine dining* e na estetização do consumo, mas também na sua desconstrução política, como testemunha a célebre instalação artística *The Dinner Party*, de Judy Chicago, onde uma mesa triangular funciona como um manifesto histórico do papel da mulher na mesa convivial.

Por fim, as humanidades digitais e a museografia contemporânea introduzem a possibilidade de uma virtualização da mesa. Através de ferramentas digitais, modelos tridimensionais e realidade aumentada, é hoje possível recriar de forma imersiva e reinterpretar criticamente a mesa barroca. Isto permite ao público contemporâneo experienciar a complexidade espacial e sensorial, por exemplo, dos banquetes do Antigo Regime. Em suma, a mesa — enquanto objeto multifacetado e gerador de manifestações socioculturais — ilustra a própria essência da condição humana, oscilando perpetuamente entre a serenidade da convivência e a fratura da discórdia.

É precisamente sob esta perspetiva plural que os estudos reunidos no presente volume se estruturam, adotando uma perspetiva diversificada, que analisa criticamente a relação entre os objetos, as imagens e os hábitos alimentares.

A transição entre os códigos de comportamento e as linguagens artísticas é explorada em investigações como «*Do que se deve observar quando estamos à mesa* […]». *Etiqueta e civilidade na representação da mesa na azulejaria do século XVIII*, expandindo-se para as complexas tensões ideológicas presentes nas naturezas-mortas europeias em *¿Católicos austeros y protestantes opulentos? Tensiones visuales en el bodegón barroco*.

A dimensão festiva e os excessos ritualizados do banquete encontram eco nas análises de «*The King Drinks» by Jacques Jordaens: when the festivities are condensed*, enquanto a transfiguração teológica e confessional da mesa é analisada em *Table and Reform. Iconography and visual representation of the Last Supper in the Tridentine period*.

O espaço da cozinha e o trabalho que antecede o banquete ganham centralidade nas leituras de *Desde la cocina… Miradas barrocas. Sevilla, m. XVII* e em *O espaço culinário e a transmutação dos alimentos: uma leitura iconográfica de «Jesus em Casa de Marta e Maria» de Velázquez*.

Por sua vez, a encenação do poder e a afirmação do estatuto aristocrático e régio através da sumptuosidade dos espaços são pormenorizadas em contributos fundamentais como *D. João V e os banquetes no palácio em Santo Antão do Tojal em 1730*, em *A casa de jantar do palácio de Oeiras – cenografia da mesa do marquês de*

Pombal, bem como nas intersecções sagradas e profanas propostas por *Cenografias de aparato: convergências entre a mesa de altar e a palaciana*.

No reverso sombrio destas celebrações institucionais, o imaginário barroco revela o seu fascínio pelo transgressor em *Invited to the Devil's feast: banquets from witchcraft scenes in early modern art*. Esta dimensão performativa regressa à harmonia sensorial e artística com «*Pois Vós falais em pintura*»: *música e dança à mesa no largo tempo do Barroco em Portugal*.

Ao entrelaçar estas múltiplas perspetivas, esta coletânea convida o leitor a sentar-se a uma mesa de debate transdisciplinar, onde o passado se reinterpreta à luz das suas permanências estéticas e rituais.